

O Gene da Dúvida

**Nikos
Panayotopoulos**

Traduzido do original grego por
JOSÉ ANTÓNIO COSTA IDEIAS



PRÓLOGO

*Crer. Com toda a força.
Não saber nunca.*

Kiki Dimulá, «Fomos amados»,
A Adolescência do Oblívio

Já que o destino determinou que as primeiras linhas lidas por quem tiver este livro nas mãos sejam da minha lavra, devo, desde já, apresentar-me.

Chamo-me Friedrich Clause e a minha relação com a literatura é puramente amadorística; desde cedo, como impunha a tradição familiar, escolhi a Medicina e nunca me arrependi de o ter feito.

Sei, obviamente, que esta não é a melhor forma de começar um romance, mas, no que me diz respeito, não tenho a mínima intenção de escrever um romance; cedi simplesmente à solicitação da editora para prefaciá-lo, com o fim de esclarecer as circunstâncias da sua publicação.

O texto que se segue foi-me confiado pelo autor, pouco antes da sua morte no hospital Royal Marsden,

em Abril de 2063. Aquando da sua admissão no hospital, sensivelmente dois meses antes, numa crise de pânico, pediu para que lhe fosse feito o teste Zimmermann, mas, passados alguns dias, quando os resultados do teste já estavam na minha posse, mudou de opinião e pediu-me para não lhos revelar.

Respeitei a sua vontade, é claro, mas confesso que esta ambivalência me despertou curiosidade. Como era possível que um moribundo – porque foi nesse estado que o recebemos, na admissão de doentes, e devo dizer que o facto de vermos a sua vida prolongada por mais dois meses não cessava de nos surpreender –, como era possível, dizia eu, que um moribundo quisesse fazer o teste? Porque não o teria ele feito mais cedo, partindo do princípio de que o conhecimento do resultado lhe era indispensável? E para que lhe serviria agora? E mesmo supondo que seria esta a melhor hipótese, por que razão, nesse caso, no momento em que o seu desejo se tornava realidade, se recusava ele a saber o resultado?

A primeira ideia que me passou pela cabeça foi a de que ele teve vergonha de expressar um pedido tão «risível» – como ele mesmo o caracteriza a dado momento –, numa altura em que todos nós lutávamos para lhe salvar a vida. De início, esta explicação pareceu-me plausível e tentei facilitar-lhe o acesso aos

PRÓLOGO

dados que lhe interessavam, autorizando-o a dar uma olhadela ao dossiê que continha os resultados dos exames, numa altura em que ninguém estivesse por perto. Recusou-se terminantemente. Deu-se mesmo ao trabalho de me dar a entender que seria inútil eu fazer este jogo idiota – e eu de facto até concordo – com ele.

E a questão mantinha-se. Como o arquivo da clínica não me fornecia a mais pequena informação acerca da sua pessoa, decidi que a questão permaneceria em aberto, visto que não era minha intenção colocá-lo numa situação delicada, pedindo-lhe explicações directas. Enganava-me novamente. Como é claro no texto que se segue, ele mesmo queria explicar tudo, não deixar, se possível, a menor dúvida – pelo menos é o que parecia ser o seu desejo –, se bem que, mais tarde, ele próprio tivesse tomado consciência de que, na realidade, as motivações que o levaram à redacção deste texto tenham sido mais profundas.

No decurso destes dois meses em que estive à beira da morte, com uma lucidez que só o espectro do fim pode estimular, escrevo para tentar explicar por que razão viveu como viveu e porque é que acabou como acabou. Seria eu, aparentemente, o destinatário destas explicações. No entanto, as intenções ocultas foram rapidamente reveladas.

Ainda assim, aquando do seu falecimento, vi-me confrontado com um enorme dilema. Tinha nas mãos, na sequência do seu pedido, não apenas uma «confissão»,

mas uma obra que era a sua derradeira. Tinha também ao meu dispor os resultados do teste Zimmermann, que – posso revelá-lo agora – eram positivos!

Perante o conteúdo da dita «confissão», e prevendo os efeitos dolorosos para muitas pessoas do escândalo que uma tal publicação podia acarretar, estive tentado a esquecer o assunto e a continuar a minha vida. O único que poderia sofrer com esta escolha seria eu, por ter traído a confiança do falecido, recusando-me a cumprir a sua última vontade. Talvez soubesse inventar umas boas justificações e mesmo ultrapassar os meus escrúpulos com o passar do tempo.

Para sair deste impasse, tentei saber tudo sobre James Wright, o que se revelou uma autêntica tarefa hercúlea! Tudo o que consegui descobrir, após longos meses de investigação, encafuado nas estantes poeirentas de um alfarrabista de bairro, foi um exemplar muito deteriorado de *O Abismo*, que o comerciante me vendeu a preço de ouro. Não me arrependi da compra. Tinha finalmente nas mãos um indício da verosimilhança do que Wright afirmava. Na medida em que a opinião de um amador, em matéria de leitura, tem alguma importância – e eu tenho um amigo, louco por literatura, que diz que, de acordo com Salinger, um escritor americano do século xx, só a opinião de um tal leitor é válida –, *O Abismo* é um romance cativante. Tentei encontrar o editor da obra, pensando que este último poderia completar algumas lacunas

PRÓLOGO

da minha investigação preliminar. Passadas algumas semanas, recebia uma resposta pelo correio. A carta era da filha do editor, já que ele falecera. Infelizmente, ela não me podia ajudar, visto que a empresa do pai fora adquirida, há muitos anos, por um gigante da edição.

Desiludido com a escassez de resultados da minha investigação, pedi a ajuda do amigo que acima referi, concedendo-lhe o privilégio de ler quer *O Abismo* quer o texto que se segue. Não teve a mínima dúvida. Eu deveria fazer o que Wright me pedira; não apenas porque a qualidade dos seus escritos assim o exigia, mas também porque dois argumentos decisivos estavam a favor de tal resolução: em primeiro lugar, o facto de, perante a morte, ser muito raro que uma pessoa minta; em segundo lugar, a ideia de que cada um de nós deve estar pronto para assumir, em qualquer momento, o peso das suas responsabilidades, por mais pesadas que sejam.

Com este pensamento decidi finalmente dirigir-me a um editor, confiando-lhe o manuscrito e os resultados do teste, e espero ter feito o que está certo.

DR. FRIEDRICH CLAUSE

Londres, 2064

Obra de James Wright

RETRATO DO ARTISTA
QUANDO MORIBUNDO

*Aos que, todas as noites, se deitam nos lençóis desfeitos
da dúvida...*

I

O seu sorriso cúmplice incomoda-me tremendamente. De cada vez que ele entra no meu quarto enquanto eu agonizo, de cada vez que se aproxima da minha cama, de cada vez que se debruça sobre mim, com um interesse manifestamente hipócrita, tenho de suportar esta careta que ele exhibe como um sorriso – e naturalmente, sem protestar. «Não te esqueças de que foste tu que o quiseste.» Dizem-me as rugas na sua testa, assim como as outras, as que, coroando-lhe a boca, complementam magnanimamente: «Claro, pode-se sempre mudar as coisas...»

Não é verdade. É uma mentira vergonhosa e grosseira! Eu não posso mudar nada. É demasiado tarde; tão tarde que a minha estupidez – a última neste mundo, espero eu – parece totalmente desprovida de sentido. Um instante de fraqueza, um ataque de pânico, no momento em que a maca tremeu no pavimento da entrada, e eis-me agora à sua mercê.

Percebi o meu erro quase de imediato. Mesmo antes de ter acabado de fazer o meu pedido, gostaria de ter sido capaz de engolir as palavras que acabava de

pronunciar. Ele, correndo ao lado da maca, com um ardor que me pareceu comovente, virou-se para mim e olhou-me surpreso, mas sem nada dizer. Naquele momento, as prioridades eram outras. A mesma coisa, nos dias imediatamente a seguir.

Finalmente, uma manhã, entrou na enfermaria, e, ao concluir a sua rotina médica, pediu à enfermeira que nos deixasse sozinhos, e então, com ar de absoluta gravidade, comunicou-me que teria os resultados no dia seguinte. Fiz que não percebi. Perguntei-lhe de que resultados estava ele a falar. Sorriu. Fiquei embaraçado. Disse-lhe que já não queria saber. Pedi-lhe que não me dissesse nada. Perguntou-me o que mudara entretanto. Eu não sabia o que responder e balbucieei um «Nada... Simplesmente...» que deixei a pairar com embaraço sobre os lençóis brancos. Ele encolheu os ombros, disse-me que me mudava o antibiótico e saiu a sorrir.

É como se esse sorriso se tivesse colado à sua cara desde esse dia; e o dossiê – é isso o pior. Deixa-o em cima da mesa-de-cabeceira, ao meu lado, olhando-o ostensivamente, e depois finge estar muito ocupado. Ocupa-se evidentemente com tudo aquilo que lhe permite voltar-me as costas. Só não vai para debaixo da cama para me dar a oportunidade de eu espreitar furtivamente. E quando finalmente se volta para mim, arqueia apenas a sobrancelha direita, supostamente para apreciar a minha resistência. Aposto que o dossiê está vazio.

II

A minha alma sabe o quanto eu queria saber. Libertar-me da sombra da dúvida. Mas não o fiz. E agora, neste momento, no limiar do fim, não sei se me deva arrepender.

Ou melhor, sei; porque, na verdade, ser-me-ia muito fácil pedir uma confirmação ou um desmentido e obtê-lo num ápice. Portanto, é claro que não me arrependo em absoluto. Simplesmente, o demónio da curiosidade – é deliberadamente que eu emprego uma expressão usada no passado, numa época em que ninguém poderia ter a certeza de saber, em que a ignorância gerava mais artistas do que o planeta podia de facto suportar, em que toda a gente acreditava fervorosamente que o juiz supremo, *o único* juiz, era o tempo, ah! – O demónio da curiosidade é, portanto, a minha fiel companhia desde o dia em que eu percebi que estava nas últimas.

O tempo é o juiz supremo da verdadeira arte. Esta monstruosa mentira foi impingida a gerações e gerações. Ao longo dos séculos, foi ela que manteve a esperança no coração de todas essas pessoas que

acreditavam – porque ninguém poderia ter afirmado o contrário – ter nascido criadoras. Pois bem, essa mentira era outrora uma grande verdade, sem contradição alguma. Acontece, muitas vezes, as grandes verdades revelarem-se um dia grandes erros.

Neste caso, tudo começou nos alvares do século XXI – e esta será, prometo, a última metáfora estafada que uso aqui. Enquanto a maior parte das pessoas que se ocupava das grandes verdades se agitava furiosamente em torno desta questão metafísica, ninguém se apercebeu de que um tal Albert Zimmermann(*), biólogo americano de reputação duvidosa, abrisse a caixa de Pandora, a 29 de Junho de 2026, aquando do Congresso Internacional Anual de Otava, com uma comunicação que, inicialmente, não foi muito apreciada na época, mas que mudou de um modo radical o curso da História.

E não é que não consegui cumprir a minha promessa?! Mais uma expressão banal que se consegue imiscuir desavergonhadamente no mesmo parágrafo em que ostento pomposamente a sua proibição. Por vezes pergunto-me para que pode servir o seu teste Zimmermann, quando vejo pessoas como eu a insistir no uso de trivialidades deste tipo. Enfim, adiante...

Albert Zimmermann morreu um ano mais tarde, aos sessenta e dois anos, do desgosto, diz-se, de ter

(*) Zimmermann, Albert (1955-2027).

provocado apenas uma pequena perplexidade no seio da comunidade científica ao comunicar os resultados das suas longas e pacientes investigações. Ora, era o trabalho da sua vida e o interessado não demonstrara até aí nada de verdadeiramente notável – coisa perfeitamente lógica, considerando que Zimmermann nunca se interessara por um único assunto. A obra da sua vida foi, portanto, injustamente desprezada, facto suficiente para lhe causar a morte.

Sobre este ponto, é claro, as opiniões divergem. Muitas pessoas acreditam firmemente que Zimmermann morreu de desgosto ao testar em si próprio a sua descoberta, tendo recebido um resultado negativo. *Se non è vero, è ben trovato!*

Tudo isto pode parecer um pouco confuso, e não será certamente inútil abrir aqui um parêntese para dizer algumas palavras sobre este homem de quem eu penso, aliás, poder ser parente. A dúvida, essa lancinante companheira da minha vida inteira, que me impulsiona e simultaneamente me impede de abrir o dossiê que o médico coloca – gesto magnânimo – na mesa-de-cabeceira, ao meu lado, também foi a sua companheira. Estou absolutamente certo disso, porque só ela pode explicar a tenacidade científica que ele demonstrou, bem como o seu fim inglório – indigno para ele e só para ele, já que o seu nome suscita actualmente o maior respeito e um sentimento de culpa merecido. Mas não nos antecipemos...

III

Albert Zimmerman nasceu, portanto, em 1955, em São Francisco, embora se cite Boston como o seu local de origem.

O pai, Jeff Zimmerman(*), estava naqueles dias em São Francisco para apresentar aos seus pares a última intervenção: a revolucionária remoção de um tumor no cérebro num miúdo grego de oito anos. A reputação do neurocirurgião Jeff Zimmerman ultrapassava largamente as fronteiras dos Estados Unidos. Embora ligado a um célebre hospital de Massachusetts, o médico raramente lá estava. Chegava a gabar-se de ter dado a volta ao mundo mais de dez vezes, coisa invulgar naquela época.

A sua esposa, Sara Beynard, da famosa linhagem de banqueiros com o mesmo nome, era natural de São Francisco, mas submetera-se de boa vontade às exigências da carreira do marido. Alguns são da opinião

(*) Zimmermann, Jeffrey (1912-1988): famoso neurocirurgião americano, considerado em todo o mundo um pioneiro na sua área.

de que essa boa vontade se devia à relação que ela mantinha com a segunda mulher do seu pai, mas para nós essa questão não tem a mínima importância.

O importante é que Sara, para agradar ao pai, tomou a decisão de acompanhar o marido nessa viagem, e, como estava no nono mês de gravidez, deu à luz o seu filho em São Francisco. Outra coisa importante é que Sara morreu no parto, e a sua morte foi a causa de uma batalha furiosa entre Jeff Zimmerman e o seu sogro. Batalha que dizia respeito ao futuro do pequeno Albert, que fora traçado pelos dois homens, mesmo antes de o menino ter completado dois meses. O pai de Jeff venceu: o jovem Albert não se tornaria banqueiro.

Muitos anos depois, no entanto, durante uma breve escala entre viagens, Jeff ficou subitamente ciente de que o filho se estava a preparar para dar um forte pontapé nos planos que traçara para ele: nomeá-lo seu sucessor na direcção de uma clínica de neurocirurgia, chefiada por ele, que tratava exclusivamente de casos difíceis, com o objectivo de abrir novos caminhos para a ciência. Só que o filho tinha outros planos.

Albert já havia deixado a Faculdade de Medicina de Harvard e conseguira o apoio financeiro do avô Beynard para as suas aspirações artísticas. Cometeu, no entanto, um erro grave ao interpretar o silêncio do pai – que o ouvia descrever os seus sonhos pictóricos – como um sinal de aprovação, e mostrou-lhe os seus quadros. Só então Jeff explodiu. Amaldiçoou as viagens